



Vasco Rosa

Quero começar por agradecer ao Nuno Costa Santos a confiança e o convite para participar de novo neste Arquipélago de Escritores, permitindo destacar na agenda cultural dos Açores — e desta maneira tão ilustre — a proximidade do centenário de Pedro da Silveira.

Há pouco mais dum ano, vim falar na casa aqui ao lado, a Biblioteca Pública, sobre o poeta nascido na Fajã Grande da Ilha das Flores a 5 de Setembro de 1922, palestra inicialmente feita na sua terra natal e também repetida na bela biblioteca de Angra do Heroísmo com o claro propósito de espalhar pelos Açores o aviso da proximidade desta efeméride. Pouco tempo depois, com Urbano Bettencourt, Carlos Bessa e Cláudia Cardoso foi gizado um plano de realizações, um calendário e um orçamento compatíveis com os consideráveis trabalhos de pesquisa, edição e publicação, e eu comecei — com o apoio da Câmara Municipal das Lajes das Flores — a fazer os levantamentos da minha especialidade e a escrever sobre Pedro da Silveira para jornais e revistas, distribuindo provas das suas multifacetadas actividades e interesses. O *Diário dos Açores* aceitou integrar este projecto e abriu as suas páginas a uma longa série de artigos sobre o escritor falecido em 2003, para que o biénio 2021-22 o torne mais conhecido dum maior número possível de açorianos. Com o de hoje, são cinco os textos publicados este ano sobre Pedro da Silveira.

A Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, de Angra do Heroísmo, tem há meses uma equipa de seis bibliotecários de topo a preparar uma exposição biobibliográfica que será inaugurada em Maio próximo e ficará patente até ao fim do ano, ao mesmo tempo que completam a catalogação de toda a livraria doada, com c. 6000 títulos. O *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* convidou Urbano Bettencourt a coordenar um dossier sobre o escritor centenário, a incluir no seu número anual de 2022. A revista *Colóquio Letras* publicará em breve texto meu que apresenta e comenta aquela que julgo ser a primeira crítica a livros de Carlos de Oliveira saída nestas ilhas, pela caneta de Pedro em Maio de 1945. A *Gávea Brown* dirigida por Onésimo Teotónio Almeida também estará envolvida, difundindo um conto inédito do nosso escritor. Atrasada pela pandemia, a *Grotta 5*, que será lançada este mês, também inclui colaboração minha em que recupero eloquentemente correspondência travada entre Silveira e Côrtes-Rodrigues. Conseguida a aprovação dos autores vivos e de herdeiros benevolentes, o Instituto Açoriano de Cultura fará uma reedição e-book da *Antologia da Poesia Açoriana*, publicada em 1977, esgotada

há muito e com os elementos novos que em 1985 lhe acrescentou. Por iniciativa de Leonor Sampaio Silva, a Universidade dos Açores propõe-se organizar um colóquio de dois dias por ocasião do centenário, e creio que em breve fará o respectivo *call for papers*. A 4 de Setembro passado, a Casa dos Açores em Lisboa fez-se representar no acto de colocação duma placa de homenagem a Pedro da Silveira, na fachada do prédio em Campo de Ourique em que ele viveu por quase quarenta anos.

Pessoalmente, não tenho dúvida de que a compilação em livro dos seus *Dispersos de literatura e folclore* vai surpreender pela extensão e alcance do seu ensaísmo, crítica e crónica, fazendo reemergir aos olhos de hoje as suas estratosféricas qualidades de investigador da história literária insular e continental, de Roberto e Carlos Mesquita a Cesário Verde e Camilo Pessanha, autores sobre os quais, como é bem sabido, publicou trabalhos de absoluta referência. A passagem de Fernando Pessoa pela Ilha Terceira, ou a de António Nobre pelo Faial, a caminho da América do Norte, tão-pouco lhe escaparam. Já em Janeiro de 2018, Vamberto Freitas, então coordenador do suplemento cultural do *Açoriano Oriental*, fez-me o favor de publicar o texto de Fevereiro de 1953 de Pedro da Silveira sobre essa viagem do autor do Só, precisamente quando pretendi chamar a atenção de editores para a bondade de se pesquisar e imprimir de novo os trabalhos de imprensa do poeta. A futura publicação desse livro de ensaio e crítica numa «Edição do Centenário», juntamente com a obra poética reunida num *Vou ao Mar Buscar Laranjas* revisto e ampliado, juntará de modo indissociável — como sempre deveria suceder — as duas faces da sua obra literária.

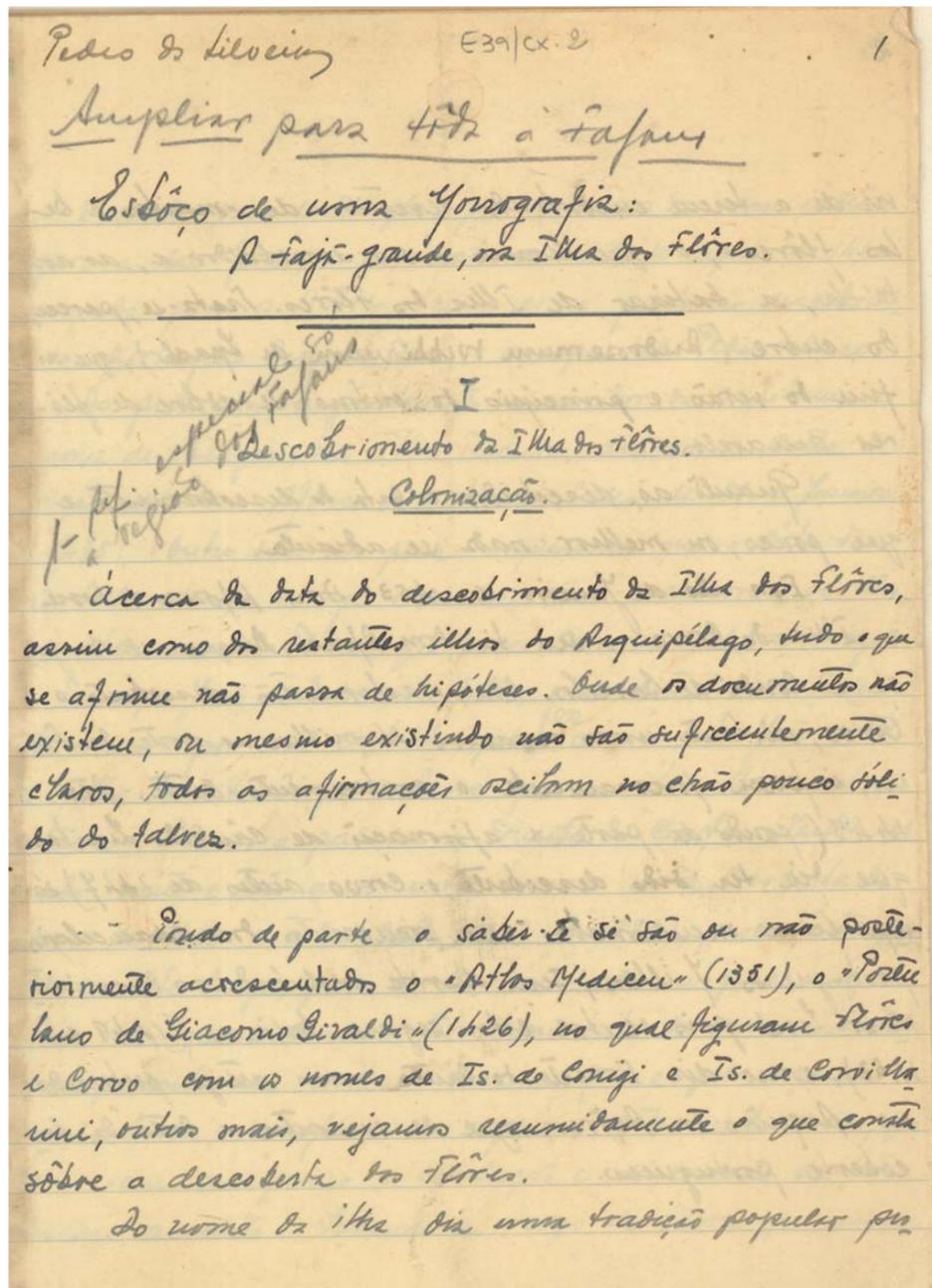
Mas perguntarão: e o espólio doado à Biblioteca Nacional em 1989 e depois, já postumamente, em 2003, nada de novo tem para nos oferecer? A resposta só pode ser esta: ao mesmo tempo, Sim e Não, ou — para adensar mais a vossa expectativa — Não e Sim.

As 32 caixas ali depositadas há quase duas décadas permanecem ainda hoje em regime de «pré-inventário». A quem se escandalize que assim seja na instituição que ele serviu como poucos, acrescentarei que o conteúdo das caixas não corresponde, sequer, ao descritivo que lhes foi dado no «guia preliminar». Diria mesmo que em todo este longo período raramente terão sido chamadas à consulta de cabo a rabo e muito menos ainda foram objecto, por gente da casa — a quem tal competia — dum estudo apurado e duma arrumação orgânica que recolha materiais avulsos nos conjuntos temáticos a que pertencem, e diga — ou possa vir a dizer — que

## Centário de Pedro da Silveira

### «Novidades» do espólio literário de Pedro da Silveira

À iluminada Ana Monteiro, à generosa Gabriela Silva, ao



papéis daqueles dizem respeito a obras já publicadas. O conjunto precisa de ser tratado enquanto tal, e são uns bons milhares de papéis. Fica-se facilmente com a impressão de que o esforço de Pedro da Silveira foi mais acumulativo do que conclusivo, denunciando — além de eventual dispersão, que a tantos atinge... — trabalho contínuo ou perpétuo sobre temas escolhidos, sem que depois lhes tenha dado aquele nó final que só o imperativo da impressão, ainda que póstuma, poderia impor.

De facto, de que nos vale hoje uma *Antologia do Conto Açoriano*, sem sabermos a data-limite dessa recolha ou dispormos de um dos seus exigentíssimos estudos prévios?

Um segundo e creio que alvitado novo tomo de *Mesa de Amigos* tem praticamente 350 folhas, entre versões, «borrões» e um limbo de traduzidos por escolher. Os poemas estão quase todos rasurados e por passar a limpo — e todos sabemos que a cada releitura novas e melhores variantes podem aparecer

—, contudo o livro parece estar um pouco melhor encaminhado. Falta-lhe claramente uma sequência decidida pelo autor, mas não é coisa difícil de fazer, desde que bem intuídos o espírito e o método seguidos nas edições anteriores, em 1998 e 2003. Ainda assim, se levado avante tão generoso empreendimento correria o risco de dar em nada, pois o editor da Assírio & Alvim já me fez saber que a vida comercial do primeiro volume «nunca saiu do vermelho», e quando assim é as portas do futuro fecham-se sem remédio para alguns ou, pelo menos, segundo alguns. Muito cuidado com o vermelho, portanto!

Uma *Antologia da Poesia Neoclássica Portuguesa* também se encontra entre os papéis de Pedro da Silveira. Será um outro projecto que ficou pelo caminho. Largas dezenas de autores encavalitados num índice em processo e alguma documentação adjacente, para eventual aproveitamento, denunciam uma vez mais o pendor acumulativo do seu organizador, a quem a falta de um edi-